

O fortalecimento da comunicação comunitária: uma análise jornalística do Projeto Nossa Gente no município de Riacho de Santana-BA¹

Raí Oliveira Guerra Santos²
Universidade Federal da Bahia, Bahia, BA

Resumo

O artigo pretende refletir o papel que produções simbólicas e medidas educativas desempenham através do resgate de culturas locais, criando um espaço para interação de diversas vozes em prol da liberdade de expressão coletiva. Esse trabalho está precedido de um embasamento teórico nas áreas de Educação, Jornalismo e dos Estudos Culturais, a fim de analisar o Projeto Nossa Gente Canta, Dança, Escreve e Pinta o Sete, no município de Riacho de Santana, no interior da Bahia. Incorporamos às conclusões da análise a questão do fortalecimento do jornalismo comunitário em cidades do interior. O estudo dedica-se ainda, à hipótese de que trocas comunicativas permitem o resgate de memórias locais, ajudando a população a (re)conhecer seu ambiente de origem e melhor interpretação dos problemas existentes na região assim como em diversas esferas sociais.

Palavras-chave: Educação; comunicação; jornalismo comunitário; memória; identidade

O resgate de memórias de culturas locais, regionais e nacionais sempre foi objeto de estudo tanto em ambientes acadêmicos quanto em outras esferas da sociedade. Em muitas cidades - brasileiras e estrangeiras - é comum a elaboração de projetos que estimulem a participação de todos, para que possibilite interações, bem como a comunidade escolar e sujeitos externos. Nesse sentido, há no Brasil, vários projetos de caráter político-pedagógicos e de assistência social que contribuem para uma verdadeira interação entre os membros de uma cidade, região ou país, no que tange o resgate de recordações que constroem a identidade do espaço local e de sua população.

¹ Trabalho apresentado no IJ do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

² Graduado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo pela FACOM- UFBA (2017), e-mail: raiguerre6@gmail.com.

Embora saibamos que a educação caminha a passos lentos nesse país, há projetos e programas escolares que se destacam cidades afora, independente de se tornarem conhecidos na mídia ou não. Através desses projetos pedagógicos nas escolas brasileiras é possível conferir de perto a realidade do sistema educacional no país - que apesar de problemas - segue de forma otimista na elaboração de práticas de ensino e transmissão de conhecimentos para a sociedade como um todo. As informações repassadas nessas propostas culturais e educativas partem do pressuposto de que a educação caminha junto com a cultura e o respeito com tradições de um povo e de um lugar.

Nesse sentido, o educador Paulo Freire (1996) ressalta a importância da interação entre comunidade escolar e sujeitos externos de um espaço físico. Para Freire *apud* Mendes (1996) a educação é uma forma de almejar muitas mudanças na sociedade, pois "mudar é difícil, porém é possível, e para que haja mudança, é preciso o compromisso das ações político-pedagógicas a fim de que surjam novos projetos educativos em todos os setores educacionais" (FREIRE *apud* MENDES, 1996, p.63).

Diante do ponto de vista deste autor, tais ações político-pedagógicas podem ser iniciadas por órgãos como secretarias de Educação ou Cultura de uma cidade, comunidade, bairro ou representantes de associações, por exemplo. O livro em questão, que será analisado mais adiante, demonstrará o processo de elaboração e concretização da ideia de um projeto que culminou em um produto, que traz um emaranhado de informações históricas pertinentes à cidade em recorte.

Em um primeiro momento, coletamos a primeira e única edição do projeto Nossa Gente Canta, Dança, Escreve e Pinta o Sete, da cidade de Riacho de Santana, no interior da Bahia. A coleta das informações deu-se por meio de contatos com coordenadores, secretários de educação e pessoas envolvidas no processo de elaboração do projeto, incluindo buscas em acervos municipais da sede e zona rural. Dessa maneira, tivemos acesso a um exemplar do livro que reúne e detalha o projeto em todo o seu teor pedagógico e cultural. De posse do livro, iniciamos uma leitura cuidadosa do exemplar em questão, catalogando todas as temáticas tratadas e sintetizando as ideias gerais de cada parte. Após esses procedimentos, iniciamos uma análise jornalística - que inclui aspectos das teorias do Jornalismo, bem como uma análise do editorial, público-alvo, teor das informações e impactos na comunidade, em se tratando de conteúdos voltados ao

interesse público. Dentro dessa análise, identificamos ainda aspectos sociais e culturais contidos no livro para entender como as informações estão ali dispostas e quais são suas funções.

Identities culturais, memórias e mídias

Os grandes projetos educativos e culturais da História mundial marcaram suas regiões como fortes produtoras de cultura, tradição e conhecimento. Tais considerações podem ser transmitidas de geração a geração e dificilmente são esquecidas ao longo do tempo. Muitas, até, são lembradas e postas em prática há diversos anos, em alusão a acontecimentos que podem ser datados desde a época de Cristo ou no tempo das Cruzadas, por exemplo. Por outro lado, é possível dizer que algumas manifestações culturais perderam força com o passar dos anos, pois não são mais colocadas em vigor por motivos diversos. Apesar dos pesares, é importante ressaltar que muitas tradições não são perdidas e que as memórias sociais, sejam elas de onde forem, permanecem no imaginário coletivo. Para o historiador inglês Peter Burke (2000),

Tanto a História quanto a memória passaram a ser encaradas de forma cada vez mais problemática. Lembrar o passado e escrever sobre ele já não podem ser consideradas atividades inocentes. Nem as recordações nem as histórias nos parecem objetivas. Em ambos os casos estamos a aprender a estar atentos à seleção consciente inconsciente à interpretação e à distorção. Nos dois casos esta seleção, interpretação e distorção são fenômenos socialmente condicionados. Não se trata do trabalho de indivíduos isolados (BURKE, 2000, p.70).

O autor vê a questão da memória social como algo importante, pois deve ser utilizada e entendida de acordo com seu contexto, ao apresentar e descrever os conceitos de História e Memória. A primeira reflete a memória, ou seja, uma guardiã dos acontecimentos públicos postos por escrito, enquanto a segunda reflete o que realmente aconteceu de fato, construindo assim algo histórico. Dialogando com Burke (2000), o historiador francês Jacques Le Goff (1994) incorpora mais conceitos para a palavra memória e concorda com o pensamento do seu colega de profissão, pois “a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o

presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para libertação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, 1994, p. 477).

Para Le Goff, a história é algo que consiste na escolha e construção de um objeto, em um processo que se dá a partir do momento em que se evoca alguma lembrança. O autor ainda afirma que é necessário um rigor metodológico para encarar essas memórias e assim analisá-las com base em outros registros e testemunhos guardados ao longo do tempo. Se pararmos para entender que em cada espaço há sua origem e cultura enraizadas, a memória surge como algo democrático em qualquer era da sociedade, pois

Considerando-se o fato de que a memória social, como a individual, é seletiva, precisamos de identificar os princípios de seleção e observar como elas variam de lugar para lugar, ou de um grupo para outro, e é necessário compreender como são concretizadas, e por quem, assim como os limites dessa maleabilidade (BURKE, 2000, p.73).

Os autores acima demonstram que é fundamental a valorização da memória como forma de recuperar a história de vida individual e coletiva. Pensar no conjunto, valorizando educação e cultura tão quanto outros segmentos básicos à sobrevivência é uma forma, mesmo que simplificada, de levar o país adiante em algum sentido.

Aplicando os estudos sobre identidade cultural na pós-modernidade do teórico cultural e sociólogo Stuart Hall (2006) é possível entender de forma um pouco mais expandida a questão da identidade de cada sujeito e local, bem como o papel de cada um numa sociedade. Para Hall, as definições de identidade partem de três pressupostos, embora ele mesmo deixa claro que o assunto é complexo e carece de outros pontos de vista. Assim sendo, o autor revela que há o sujeito do Iluminismo (baseado na concepção humana de um indivíduo centrado e consciente de suas ações); o sujeito sociológico (cuja identidade é formada exclusivamente na interação do eu e a sociedade) e, para explicar o sujeito pós-moderno, ele aponta que

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e “exterior” - entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis (HALL, 2006, p.11-12).

Tais conceitos enriquecem o debate acerca do poder que a memória social e o campo da História oferecem à sociedade, pois, a partir do momento em que construímos a identidade de algo, estamos conseqüentemente construindo a memória, ou seja, a preservação histórica de determinado espaço e sujeito. Quando falamos em memória social, podemos nos lembrar e fazer alusão à amnésia social - dois termos analisados por Burke em *A História como Memória Social* (2000) de determinado espaço e sujeito. Quando falamos em memória social, podemos nos lembrar e fazer alusão à amnésia social - dois termos analisados por Burke em *A História como Memória Social* (2000). Ele ressalta que uma das maneiras de abordar os usos da memória social é perguntar o porquê de algumas culturas parecerem mais preocupadas que outras em lembrar seu passado. Há grupos que prefiram lembrar de algum acontecimento, e outros de esquecê-lo, pois

Em vista da multiplicidade de identidades sociais e da coexistência de memórias concorrentes, as memórias alternativas (memórias de família, memórias locais, memórias de classe, memórias nacionais, e assim por diante.), é proveitoso pensar em termos pluralistas sobre os usos das memórias por diferentes grupos sociais, que talvez também tenham diferentes visões do que é importante ou "digno de memória" (BURKE, 2000, p.84).

Para contextualizar a questão de produzir de informações que são transmitidas em ambientes específicos, ressaltamos a ideia de mídia local e mídia comunitária, ambas de Cicilia Peruzzo (2003) com a de identidade local e nacional, de Hall (2006). Para este, "não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional" (Hall, 2006, p. 59).

Do ponto de vista conceitual e academicista, a ideia de mídia local, de Peruzzo (2003), é uma ferramenta de comunicação de um espaço específico que se preocupa em transmitir assuntos mais gerais de uma localidade, como vias públicas, tragédias, violência urbana, etc. Para a autora, é importante ressaltar que as definições de local e comunitário são muitas vezes semelhantes e se confundem, por se tratarem de características que podem estar inseridas nos dois contextos. Peruzzo (2003), afirma que "a hipótese central é de que o crescimento da mídia local se deve às modificações no cenário dos meios de comunicação, motivados pela valorização, tanto enquanto ambiente

de ação política-comunicativa cotidiana, como pela oportunidade mercadológica que ele representa” (PERUZZO, 2003, p. 2).

Nas palavras de Renato Ortiz (1999), o local é aquilo que nos circunda, o que está realmente presente em nossas vidas. “Ele nos recorta com sua proximidade, nos acolhe com sua familiaridade. Talvez, por isso, pelo contraste em relação ao distante, ao que se encontra à parte, o associamos quase que naturalmente à ideia de “autêntico” (ORTIZ, 1999, p.38). Com o passar dos anos e juntamente com os avanços tecnológicos, os grandes meios de comunicação de massa passaram a dar mais destaque não somente a temas de interesse nacional e internacional, mas também segmentar e regionalizar seus conteúdos. Peruzzo (2003), questiona

Por que ocorre esse novo interesse pelo local? Justamente pela percepção de que as pessoas também se interessam pelo que está mais próximo ou pelo que mais diretamente afeta as suas vidas e não apenas pelos grandes temas da política, da economia e assim por diante [...] Elas buscam suas raízes e demonstram interesse em valorizar as “coisas” da comunidade, o patrimônio histórico cultural local e querem saber dos acontecimentos que ocorrem ao seu redor (PERUZZO, 2003, p.5).

A comunidade, por sua vez, se situa dentro de um espaço local, sendo este mais amplo e diversificado que a comunidade. “Existe comunidade dentro do espaço local quando alguns dos segmentos sociais ali existentes apresentarem graus e formas de organização típicas de uma comunidade” (PERUZZO, 2003, p.6). Este ponto de vista da autora pode ser exemplificado com os fortes laços de cooperação entre os indivíduos, sentimentos de pertença, participação ativa entre os membros e reunião de interesses em comum.

Neste emaranhado, Peruzzo (2003) ainda define que “comunidade não pode ser confundida com bairro, cidade ou com segmentos étnicos, religiosos, de gênero, acadêmicos, etc. Ela pressupõe a existência de elos mais profundos e não meros aglomerados humanos” (PERUZZO, 2003, p.6). Assim sendo, tanto local quanto comunidade têm suas singularidades e diversidades que podem estar relacionadas quando for conveniente. Quanto à ideia de mídia comunitária, a autora revela que tal mídia e outras modalidades de comunicação se realizam com base em processos, nos quais as pessoas da comunidade sejam as principais protagonistas. Peruzzo (2003) lista uma série de características, bem como uma mídia divulgadora de assuntos específicos da

comunidade (interesse público e movimentos sociais), usa como estratégia a participação direta das pessoas no lugar da programação, os produtores de informação são cidadãos comuns e não necessariamente jornalistas, não têm finalidade lucrativa, recebe doações, trabalha com apoio cultural e não com anúncios publicitários, entre outros pontos. A autora ressalta ainda que esse tipo mídia se refere a um tipo particular de comunicação na América Latina, pois é gerada no contexto de um processo de mobilização e de organização social dos segmentos excluídos, a fim de superar desigualdades e injustiças.

Hall (2006) ainda indica que deveríamos pensar as culturas de cada país, como um dispositivo discursivo, pois "elas são atravessadas por profundas divisões e diferenças internas, sendo "unificadas" apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural" (Hall, 2006, p. 62). Portanto, cada cultura, seja local, comunitária, regional ou nacional tem sua própria estrutura, valores, organização e conseqüentemente, constroi sua própria identidade cultural.

A partir deste momento, é possível relacionarmos o termo “identidade nacional” à identidade de localizações específicas. No caso desta pesquisa, a cidade a ser apresentada têm suas próprias características culturais - língua, costume, tradições, religião, sentimento de pertença, entre outros. Nesse sentido, o objeto da pesquisa reúne as mais diversas informações sobre sua localidade. Estas considerações serão abordadas a seguir.

Construindo identidades locais

Nesta fase da pesquisa, teremos como foco a análise jornalística do projeto pedagógico Reconstruindo Nossa História - Nossa Gente Canta, Dança, Escreve e Pinta o Sete. Idealizado e organizado pela Secretaria Municipal de Educação da cidade de Riacho de Santana³, na Bahia, no ano de 2004, em parceria com a Prefeitura Municipal, o projeto teve como principal objetivo o resgate da memória histórica e cultural da cidade. Para isso, foi elaborado um produto - culminado em um livro físico - que pudesse publicizar tais memórias. Sendo assim, foi selecionada uma equipe interdisciplinar - formada por coordenadores pedagógicos que elaboraram o projeto de publicação do livro, a comunidade escolar representada por diretores, professores e alunos e antes de tudo, um trabalho que teve contribuição e autorização da comunidade riachense.

O envolvimento de diversos segmentos da sociedade local legitima a publicação com critérios de veracidade nas informações e clareza nos procedimentos adotados para

a seleção, catalogação, organização e socialização das informações. Do ponto de vista do campo do Jornalismo, esta sequência adotada pela equipe organizadora cumpre os critérios de noticiabilidade ou dos valores-notícia - como preferem alguns teóricos - por serem fatores importantes que definem e influenciam o fluxo das notícias e das reportagens. É possível observar que valores-notícia como clareza, amplitude do evento, o atual, a composição, a personalização e a negatividade, por exemplo, são características encontradas em boa parte do livro no que se refere à seleção e à transmissão de informações que venham a ser de interesse público.

Para Nilson Lage, em *Teoria e Técnica do Texto Jornalístico* (2005), escrever um texto com teor jornalístico significa que

O que caracteriza o texto jornalístico é o volume de informação factual. Resultado da apuração e tratamento dos dados, pretende informar, e não convencer. Isso significa que o relato, por definição, está conforme o acontecimento - este sim, passível de crítica e capaz de despertar reações distintas nos formadores de opinião e entre os receptores da mensagem em geral (LAGE, 2005, p.73).

A partir do conceito de texto jornalístico apresentado por Lage (2005), é fundamental que tenhamos em mente que toda informação apurada, organizada e transmitida de maneira clara e imparcial, forma o 'bom jornalismo'.

É sabido que o Código de Ética dos Jornalistas prevê com regras claras a boa conduta de jornalistas no momento de apurar e divulgar uma informação. Através disso, os profissionais de comunicação - em especial os jornalistas - precisam trabalhar de maneira ética quando se deparam com um texto jornalístico. Os jornais impressos são os mais antigos no armazenamento e transmissão de informações durante um longo período da humanidade, deixando espaço hoje, para os meios de comunicação digitais ou para como os mais otimistas preferem dizer, deixando para a convergência midiática, entre impresso e tecnologia, por meio de informação lida através de computadores, *smartphones* e *tablets*.

No livro em questão, de 118 páginas, as informações dispostas estão divididas em partes, o que podemos dizer que no campo do jornalismo seriam editoriais. Estas estão separadas por particularidades existentes em diversos locais e comunidades mundo afora. O capítulo I se dedica às questões político-ambientais, como histórico, localização, problemas e perspectivas. As informações são de boas fontes primárias e oficiais, como:

Informações Político Administrativa Brasileira (IPAB), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), artigos científicos sobre meio ambiente e economia, além de dados de outros estados como forma de comparar o desenvolvimento da região.

Estas fontes apresentam informações advindas de bancos de dados - termo comum no Jornalismo - pois são locais virtuais carregados de estatísticas, que servem como conteúdo e para comparação entre cada localidade, que neste caso, são os espaços urbano e rural da cidade. Outros destaques para o capítulo são a presença de fotografias que ilustram os monumentos, patrimônios culturais da cidade e pontos turísticos, totalizando trinta imagens que contribuem para a formação de um jornalismo multimídia, ou seja, com o uso de textos, imagens, gráficos e áudios numa só reportagem/informação para que fique mais completa.

Além disso, é neste capítulo em que há uma entrevista - um dos pilares do jornalismo. A mesma se baseia no formato *ping-pong* (pergunta e resposta), realizada por um estudante a um padre atuante da paróquia na época da publicação do livro. As perguntas e respostas são bem elaboradas e oferecem conhecimentos diversos sobre paróquias e influência da religião católica na cidade. A entrevista se torna, então, multimídia, pois há a presença de um *box* no fim da matéria, listando as padroeiras das comunidades existentes em todo o município.

O capítulo II volta-se aos aspectos socioeconômicos. As informações desta editoria estão divididas em: dinâmica populacional e econômica, estrutura produtiva, saúde, educação e comércio. Percebe-se que tal recorte consiste nas editorias mais comuns de se encontrar em jornais, revistas e programas informativos, pois são assuntos de grande valor e destaque nas sociedades. Um dos destaques do capítulo é a utilização de gráficos - a maioria de dados do IBGE e do MEC (Ministério da Educação), para ilustrar as dinâmicas da população riachense em várias décadas e o panorama das escolas do município, incluindo nomes de todas as comunidades escolares e sua carga de alunos, desde o final da década de 1990 até o ano de 2004. Os quadros/gráficos são de fácil compreensão, embora alguns não estejam completos por falta de dados mais precisos por parte dos órgãos referidos anteriormente. As fontes são confiáveis, dignas de serem utilizadas em

³ Segundo dados do IBGE (1999), Riacho de Santana está inserida na Região Nordeste Ocidental da Bahia. Sua população é de cerca de quarenta mil habitantes (IBGE 2014). A densidade é de 11.32 hab/km². O clima é seco a Subúmido e Semiárido.

diversos trabalhos literários. Há ainda, intertítulos como Agricultura, Pecuária e Mineração, que ajudam a subdividir o texto, tornando-o mais organizado. É uma estratégia comum em textos de jornalismo escrito.

Dentre os pontos negativos ou o que poderíamos chamar de falhas cruciais no jornalismo seria a omissão de algumas informações. Tal fato pode ser exemplificado pela ausência do quadro 3 (página 47) que ilustraria os dados do censo agropecuário brasileiro no ano de 2000. Além disso, é recomendável que a equipe de diagramação de um produto informativo ou de um jornal se atente aos detalhes do corpo do texto, pois, é necessário evitar que palavras sejam cortadas ou retiradas de um local (página 52) para que não fique um espaço vago – provocando assim, no leitor, uma compreensão incompleta do texto.

É imprescindível ainda que questões linguísticas como coesão e coerência sejam sempre revisadas, a fim de que evite a má interpretação das informações ali contidas, como no trecho da página 60, “o que contribui diretamente para acentuar ainda mais a degradação do meio ambiente. Segundo documento elaborado pela ONU (1992)”. A conjunção conformativa “segundo” deveria vir precedida de uma vírgula ou então, no início da frase. Revisões como esta poderiam evitar certas decepções nos gramáticos de plantão da língua portuguesa. No caso do Jornalismo, é fundamental a boa gramática e redação por parte dos profissionais.

A editoria III, denominada de ‘sociocultural’ apresenta somente duas páginas. A editoria não faz uso de fontes primárias ou oficiais, e sim divulgam o conteúdo que certamente foi escrito por integrantes da equipe que reúne as informações. O primeiro e único tópico é chamado de ‘atividades religiosa e cultural’, detalhando as origens dos festejos religiosos da cidade, inclusive o enfraquecimento ou a perda das tradições populares. As crendices do povo, as parteiras da zona rural, habitação e sistemas de transporte são aspectos culturais destacados na matéria, incluindo as ‘histórias hilariantes’- como o autor preferiu chamar - que reúne a cultura popular da cidade riachense, como a mula-sem-cabeça, o berrador e o lobisomem. Outros aspectos são as festas marcantes que contribuem para o aumento da economia na cidade e valorizando antes de tudo, o espaço físico ali existente.

A quarta editoria é dedicada aos escritores da terra e às produções literárias de alunos da rede municipal do ano de 2001, ou seja, pode ser vista como o espaço do leitor

ou como alguns jornais preferem, a carta do leitor. A equipe organizadora do projeto deu voz a diversos alunos de escolas públicas tanto rurais quanto urbanas do município que estivessem interessados em difundir seus conhecimentos, talentos e contribuir de forma comunitária às inspirações que têm sobre o local em que vivem. Em cerca de cinquenta páginas, diversos textos em formato de poesia, conto, crônica, cordel e roteiros de peças teatrais contam a história de Riacho de Santana, ressaltando belezas, antagonismos, perspectivas e fantasias sobre pessoas e espaços.

Outras personalidades contribuem com este capítulo, como filhos de educadores, professores e figuras notáveis da cidade que buscaram inspiração para escrever contos, cordeis e crônicas que revelassem suas visões de mundo e até opiniões sobre a cidade. No quinto capítulo do livro, há as chamadas ‘atualidades’, em destaque para o processo histórico da criação de um dos colégios públicos mais influentes do município. Tal capítulo segue com a editoria ‘serviços de utilidade pública’, na qual reúne diversos telefones e seus respectivos endereços de localidades da sede e zona rural.

Comparada a um jornal, esta parte se encaixaria na seção dos ‘Classificados’, que reúne dicas de emprego por todo o espaço, com os detalhes necessários. A penúltima página foi dedicada às referências bibliográficas, e a última, a ficha técnica, com informações extras sobre formato do livro, do papel, a quantidade de tiragem (200) e a gráfica impressora da obra. Acredita-se que tais dados são complementares e de interesse do público.

O prefácio do livro, escrito por uma professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), pode ser considerado o editorial, pois reúne as informações resumidas e mais importantes que serão abordadas durante a leitura. Já o expediente reúne nomes como o do prefeito da época, secretários de educação, colaboradores diversos e assessores que fizeram parte da equipe de elaboração da obra. Para a capa, foram selecionadas fotos em um único padrão e o nome do livro em letras chamativas, o que corresponde um bom jornalismo de revista, podendo ainda, caso desejassem, apresentar manchetes na própria capa. O público-alvo da obra são os próprios moradores da cidade e pessoas interessadas em difundir a memória social da localidade. Pensando nesse sentido e levando em consideração toda a análise feita acima, podemos concluir que este projeto/ livro fortalece o jornalismo comunitário da cidade em questão. Para entendermos melhor o termo e o contexto, o jornalista Felipe Pena (2005), descreve esse tipo de jornalismo como

O jornalismo comunitário atende às demandas da cidadania e serve como instrumento de mobilização social (...) O jornalista de um veículo comunitário deve enxergar com os olhos da comunidade. Mesmo que já pertença a ela, deve fazer um esforço no sentido de verificar uma real apropriação dos processos de mediação pelo grupo (PENA, 2005, p.187).

A partir do conceito de Pena (2005), é importante ressaltar que em Riacho de Santana, como em outras cidades do interior, os autores da obra não são jornalistas, mas sim pessoas habilitadas a apurarem e desenvolverem informações pertinentes ao que requer a ideia do projeto, a fim de ser concretizado.

Em Riacho de Santana, as rádios AM e FM atuam como veículos comunitários há algum tempo. Para complementar o cenário, o livro em questão funciona como mais um difusor de informações e conhecimentos, logo se enquadra como uma obra de jornalismo comunitário, ou seja, feita pela comunidade e para a comunidade riachense - abrangendo informações sobre sede e zona rural - e serve como instrumento de mobilização social, ou seja, as informações contidas no livro não impedem que seu conteúdo seja divulgado por outras localidades ou até por grandes mídias. Esses fatores fortalecem o jornalismo comunitário em cidades, principalmente as do interior.

Tal gênero jornalístico está ligado a produções informativas que são realizadas em ambientes com laços profundos, através de tradições culturais entre o povo e o espaço. Além disso, uma das grandes virtudes do jornalismo comunitário é possível de se observar no livro em questão é que ela se aproxima do seu público, permitindo que todos dialoguem e promovam cidadania com mais intensidade. Muitas produções de estudantes e pessoas da sede e zona rural que são difíceis de chegar à grande mídia (mídia convencional) ganham espaço, tempo e notoriedade em jornais/produtos como esse da cidade, o que contribui com o fortalecimento deste tipo de jornalismo.

Considerações finais

Diante desse cenário, o projeto do livro não tem como foco alimentar um jornalismo que estimule mobilizações e lutas coletivas no sentido de fazer militâncias a grupos sociais, que seriam capazes de produzir transformações radicais na sociedade. Não há intenção ainda de ser uma obra produzida exclusivamente em ambiente acadêmico e para

o mesmo ambiente. Por conta disso, todas as informações apresentadas são úteis à comunidade riachense, com características já mencionadas, mas com destaque ao resgate da memória social coletiva, através de dados históricos e culturais.

No que se refere às seções do livro, as divisões são claras e concisas. Há um espaço para informações referentes a meio ambiente, aspectos socioculturais, política, entrevista, fotografias e produções literárias feitas por estudantes de escolas do município, além dos demais interessados em contribuir com o trabalho. Buscamos entender as falas, as informações e os argumentos que perpassam o projeto/livro como algo que promove discussão de uma ação social ampla: a transmissão do conhecimento e a importância do jornalismo feito em comunidade.

Apesar do livro não contar com a presença de jornalistas formados para contribuir de forma teórico/prática na elaboração e comunicação do projeto, é nítido que todas as pessoas envolvidas em todas as etapas foram responsáveis e aptas para apurar as devidas informações. Estas, conseguiram de maneira, eficaz, resgatar a memória histórica local.

É possível perceber e reafirmar que, para a confecção do livro foram priorizadas informações de utilidade para os cidadãos riachenses, com relevância e precisão para todos aqueles que se dedicam a estudos relacionados a memórias históricas locais, interessados em pesquisar a memória de seu próprio povo e para os que desejam saber sobre a cultura, fauna, flora, riquezas minerais e conhecer o processo de desenvolvimento econômico e social do município em questão.

Obras como estas podem servir de exemplo para que outras cidades do interior - independente da região -, possam elaborar seus próprios projetos político-comunicativos e culturais, de forma pedagógica, com linguagem acessível e clara. Tal fato pode alimentar e fortalecer cada vez mais a importância da difusão do conhecimento para todos os cidadãos. Na prática, para que projetos como esse sejam realizados mais vezes, faz-se necessário que os órgãos competentes, juntamente com as parcerias necessárias, articulem, dialoguem e continuem promovendo esses tipos de ações políticas.

Quando a educação se junta com uma boa e eficaz ação social e comunicativa, a cidade ganha muitas qualidades. Entre elas, uma atenção especial à transmissão do conhecimento, da cultura, do respeito ao povo e ao espaço em que vivem. Tudo isso ajuda a construirmos sujeitos que possam ser mais críticos com sua realidade ao redor e que

exercem de forma mais democrática a difusão do conhecimento, para o bem-estar de sua terra e de seu povo.

Referências

BURKE, Peter. **História Como Memória Social**. In: Variedades de História Cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A, 2006.

LAGE, Nilson. **Teoria e Técnica do Texto Jornalístico**. São Paulo, Editora Campus, 2005.

LE GOFF, Jacques. **Memória**. In: História e Memória. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994.

MENDES, Maria Socorro S. **Qualidade de ensino na escola pública: desafios e (im)possibilidades**. Psicologia: ensino & formação, 2010. 1(2): 61-71.

MENDONÇA, Ricardo F. **Jornal comunitário e interações discursivas: entre desigualdades deliberativas e luta por reconhecimento**. Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v.31, n.1, p. 105-132, jan./jun. 2008.

Nossa Gente Canta, Dança, Escreve e Pinta o sete. Alunos da rede municipal (2001). Riacho de Santana - BA, Prefeitura Municipal, 2004.

ORTIZ, Renato. Um outro território. In: BOLAÑO, César R. S. (org.). **Globalização e regionalização das comunicações**. São Paulo: EDUC/Editora da UFS/INTERCOM, 1999. p. 29

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo, Contexto, 2005.

PERUZZO, Cicilia M. K. **Mídia local e suas interfaces com a mídia comunitária**. XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (*Intercom*), Belo Horizonte, NP Comunicação para a cidadania, 2003. 30f.